

Transatlânticas

Este espaço tem a colaboração da FLAD
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

Brecha em Teerão

UM fim-de-semana mudou a realidade política do Irão. A reeleição do Presidente e a contestação do resultado pelo seu rival mais directo, Moussavi (ex-primeiro-ministro e primo do Guia Supremo Khamenei), abalaram o regime.

Gritos de «**Morte ao Governo!**» e «**Vergonha para Ahmadinejad!**», granadas de gás lacrimogéneo, cargas de polícia, rumores surdos de guerras intestinas nas mais altas esferas teocráticas, ecoaram toda a semana em Teerão.

Apesar de o regime ter bloqueado as comunicações móveis, o Twitter manteve-se activo, e as emissões de testemunhos das manifestações e das cargas de polícia foram amplamente divulgadas pela internet.

Abriu-se uma brecha e vieram a lume as contradições da sociedade e do regime iranianos. E ficou à vista de todos que a especialíssima democracia *khomeinista* é uma farsa.

Teme-se que as forças agora desafiadas não possam ser reconciliadas pelos usuais arranjos institucionais. É difícil apurar a verdade dos factos. Mas pode afirmar-se sem receio que, ganho desta forma, o segundo mandato de Ahmadinejad terá implicações sérias para a governabilidade do Irão e para o futuro da região.

A REELEIÇÃO esmagadora de Ahmadinejad vem também confirmar que o Médio Oriente é um lugar complexo, imprevisível e um verdadeiro antro de perdição para as ambições de sucessivos Presidentes norte-americanos. Dias antes, Barack Obama deixara escapar que via uma mudança a caminho de Teerão. Na véspera da eleição, dissera estar «**excitado**» com o debate robusto a que se assistia na corrida presidencial iraniana, e afirmou-se «**convencido**» de que este contribuiria para aliciar o adversário iraniano a novas modalidades de contacto.

As circunstâncias foram exactamente as opostas. Nas primeiras horas, a Administração americana reagiu mui-

to cautelosamente às notícias de fraude eleitoral. Um alto funcionário americano citado pelas agências noticiosas manifestou a ideia de que prosseguiriam os esforços para «**trabalhar com a situação tal como é, e não como os EUA desejariam que fosse**». Em cima dos resultados, o vice-Presidente Biden corrigiu o tiro: «**As conversações com o Irão não são um prémio de bom comportamento**», são do «**mais estrito interesse dos EUA**».

E este interesse é exactamente o mesmo de antes das eleições: evitar que o Irão desenvolva um programa de armamento nuclear e procurar que deixe de apoiar o terrorismo.

CERTO é que a nova Administração dos EUA se tem desdobrado em todas as direcções possíveis para estabelecer um diálogo com Teerão. No Cairo, Obama declarou: «**Nenhuma nação pode escolher e decidir quais as nações que podem deter armas nucleares**» – aceitando implicitamente os desejos do Irão.

Desde então somaram-se declarações de Hillary Clinton e John Kerry, explicando que o problema não é tanto a questão nuclear como a «**probabilidade**» de provocar uma corrida ao armamento nuclear no Médio Oriente.

No primeiro comício de vitória que fez em Teerão, ainda entre mortos e feridos, o imperturbável Ahmadinejad fez saber que o nuclear é «**uma questão do passado**».

Já durante toda a campanha eleitoral anunciara o Irão como potência nuclear, com pleno direito de – e preparado para – desempenhar um papel activo no governo do mundo.

Ora que mundo seria um mundo à sombra de um arsenal nuclear iraniano?

Será que o Irão procura alcançar a capacidade nuclear como mero instrumento de dissuasão contra inimigos que reputa poderosos e directamente ameaçadores? Ou a 'bomba' é um instrumento orientado para servir as am-



Manuela Franco

Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais – U. Nova

Se o Irão viesse a dispôr da bomba nuclear, o Médio Oriente passaria de difícil a intratável

bições persas de hegemonia regional? Mais: é possível conter o Irão, tal como sucedeu com a URSS?

TRINTA anos após a revolução islâmica, o discurso político de Teerão caracteriza-se por uma feroz ambição de hegemonia no Golfo e pelos esforços em cimentar alianças contra os seus grandes antagonistas ideológicos: a América e Israel.

Desafiar o estatuto regional e os fundamentos económicos, políticos e legais da ordem internacional permanecem objectivos fulcrais do regime iraniano. E é neste contexto que a busca pela arma nuclear deve ser analisada.

Muito provavelmente, a arma nuclear permitiria a Teerão alcançar os objectivos da revolução sem precisar de a usar. Isto porque o principal propósito da capacidade nuclear é a projecção de poder; uma bomba nuclear é um multiplicador de força que muda as regras do jogo.

UMA VEZ na posse da bomba, o Irão dificilmente deixaria de entrar em rota de colisão com os adversários regionais.

Sob o guarda-chuva nuclear iraniano, os terroristas poderiam actuar livremente. E os vizinhos tratariam de se dotar da necessária dissuasão.

Também o arsenal nuclear ocidental seria dissuasor. Mas a possibilidade de uma paz conturbada garantida por um equilíbrio nuclear nada nos diz quanto às guerras convencionais que as potências nucleares podem alimentar entre si ou entre os seus aliados.

Durante a Guerra Fria, o preço do equilíbrio nuclear foi o reconhecimento de esferas de influência. Um Irão nuclear exigiria também uma divisão de influências? A retirada das forças americanas da região? Arranjos duvidosos para os Estados do Golfo? Onde se desencantaria um esquema aceitável para Israel? Ou para os cristãos libaneses?

O Médio Oriente passaria de difícil a intratável.

BREVES

Os migrantes e a crise DEMETRIOS

Papademetriou estará na FLAD na próxima segunda-feira, pelas 10 horas, para apresentar a conferência 'The Impact of Economic Crisis on Migrant Communities: Europe and the USA (Compared)'. Este reputado especialista na área das migrações em todo o mundo é o actual presidente do Migration Policy Institute (MPI), *think tank* sediado em Washington, dedicado exclusivamente ao estudo da migração internacional. A crise financeira, o seu impacto junto das comunidades migrantes – com as respectivas consequências para os países de acolhimento e de origem –, as questões de ordem social, são assuntos a que a Fundação tem dado particular atenção e que vão estar na agenda desta iniciativa. A conferência será comentada por António Vitorino.

Jornais portugueses em Washington

POR ALGUNS considerada a maior biblioteca do mundo, a Biblioteca do Congresso, em Washington DC, tem uma secção de publicações portuguesas na chamada Hispanic Division. A revista da FLAD – *Paralelo* – é uma das publicações bastante consultadas nesta secção, nomeadamente por membros do Congresso interessados nos luso-americanos, segundo explicou a responsável Iêda Siqueira Wiarda. A biblioteca tem, também, uma secção especial só para jornais de todo o mundo. Curiosamente os únicos jornais portugueses aí disponíveis são o *Diário de Notícias* e o *Avante!*...

Sara Pina